

NÓS SOMOS DA TERRA:

CAMINHOS DECOLONIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DA ARTE CONTEMPORÂNEA

WE ARE FROM THE EARTH:

DECOLONIAL PATHS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION THROUGH CONTEMPORARY ART

Aline Amaral Santos

Universidade Federal do Espírito Santo

E-mail: alineeamaralsantos@gmail.com

ORCID: 0009-0005-5372-0401

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3132391124011317>

Resumo:

O presente trabalho apresenta um relato de experiência realizada no contexto do Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, vinculada à Graduação em Artes Visuais. O objetivo foi desenvolver práticas artísticas que envolvessem a Natureza, com ênfase na terra como matéria poética e pedagógica, partindo do contato relacional das crianças com o solo. A metodologia foi fundamentada em abordagem qualitativa, com caráter investigativo e reflexivo. Buscou-se compreender como práticas pedagógicas podem promover o contato das crianças com a Natureza e valorizar saberes ancestrais e não convencionais articuladas com o referencial da artista lanah Maia, que em suas obras utiliza pigmentos naturais. A reflexão foi sustentada por autores como Bispo dos Santos (2023), Krenak (2019), Hofstaetter (2016) e Ostetto (2011), que contribuem para pensar uma educação estética enraizada, respeitosa e afetiva. Os resultados indicam que a inserção da Arte Contemporânea na Educação Infantil, quando pensada sob uma perspectiva decolonial, fortalece a formação docente, reconhece as infâncias e reconfigura o ensino da Arte como experiência de reconexão entre estética, cultura e Natureza.

Palavras-chave: Educação Infantil. Natureza. Saberes Decoloniais.

Abstract: This paper presents an experience report carried out in the context of a supervised internship in Early Childhood Education, linked to the Undergraduate Program in Visual Arts. The objective was to develop artistic practices involving Nature, with an emphasis on earth as a poetic and pedagogical material, starting from the children's relational contact with the soil. The methodology was based on a qualitative approach, with an investigative and reflective character, aiming to understand how pedagogical practices can promote children's contact with Nature and value ancestral and non-conventional knowledge. These actions were articulated with the work of artist lanah Maia, whose creations make use of natural pigments. The theoretical reflection was supported by authors such as Bispo dos Santos (2023), Krenak (2019), Hofstaetter (2016), and Ostetto (2011), who contribute to the conception of an aesthetic education that is rooted, respectful, and affective. The results indicate that the inclusion of Contemporary Art in Early Childhood Education, when approached from a decolonial perspective, strengthens teacher training, recognizes children as protagonists, and reconfigures art education as an



experience of reconnection between aesthetics, culture, and Nature.

Keywords: Early Childhood Education. Nature. Decolonial Knowledge.

1 Introdução

Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade (Krenak, 2019, p. 16).

A alienação da humanidade em relação à Terra, concebida como uma entidade separada e subordinada às necessidades humanas, reflete uma trajetória histórica marcada por colonização, genocídios e exploração. Esse afastamento não é apenas físico, mas simbólico, ao tratar a Natureza¹ como um recurso a ser exaurido em nome do progresso material.

Historicamente, isso pode ser observado na colonização das Américas, onde práticas de extração intensiva de minérios e desmatamento ignoravam os conhecimentos locais sobre manejo ambiental. Em um contexto contemporâneo, a exploração de combustíveis fósseis e a industrialização acelerada continuam perpetuando essa relação de dominação, provocando desequilíbrios ecológicos que impactam diretamente as comunidades em situação de vulnerabilidade e seus territórios.

Essa visão hegemônica ignora que somos parte de um organismo maior, cuja interdependência é essencial para a sustentação da vida. Ao desconsiderar as consequências dessa lógica, perpetuamos um modelo de dominação que negligencia outras formas de saber, outras verdades e outros modos de coexistir com humanos e não humanos. Nesse contexto, emerge a urgência de um processo de descolonização dos pensamentos e das práticas, que nos permita reconectar com a terra e com modos alternativos de viver em harmonia.

É nesse cenário que práticas pedagógicas voltadas para essa reconexão tornam-se essenciais. Recordar e rememorar conhecimentos que nos integrem

¹ Por escolha da autora, as palavras Natureza e Arte aparecem com iniciais maiúsculas ao longo do texto, como forma de atribuir a esses termos a potência conceitual, simbólica e política que ocupam na experiência relatada.

à Natureza nos faz lembrar que também somos parte desse ecossistema tão diverso e abundante. Nesse sentido, práticas de ensino que se aproximem das epistemologias decoloniais na Arte Contemporânea podem contribuir para a reconfiguração dos modos de ensinar e aprender, rompendo com a lógica colonial e oferecendo às crianças experiências significativas de encontro com o mundo natural.

Em razão disso, o presente artigo propõe uma investigação sobre as formas de contato das crianças com a Natureza nos espaços escolares, com ênfase em como práticas pedagógicas sensíveis, no campo da Arte, podem favorecer essa aproximação.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter investigativo e reflexivo, fundamentada na experiência vivenciada durante o Estágio Curricular Supervisionado do Ensino de Artes Visuais I – Educação Infantil², realizado no primeiro semestre de 2023, em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da cidade de Vitória/ES.

Ao longo do texto, discutiremos como a Arte Contemporânea, em diálogo com epistemologias outras, pode contribuir para a superação da lógica de separação entre humanidade e Natureza, apontando caminhos para uma educação mais integrada, sensível, relacional e comprometida com o cuidado e a sustentabilidade das vidas.

2 Envolver-se

A partir de um pensamento decolonial, este estudo busca compreender de que modo práticas educativas podem promover experiências significativas de reconexão das infâncias com a terra, entendida não apenas como matéria, mas como potência viva e relacional. Nessa direção, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a disciplina “Materiais e Técnicas Artísticas” proposta pelos artistas/professores Attilio Colnago e Joyce Brandão, ilustra essa abordagem.

Essa disciplina é oferecida desde 1980 (Colnago; Brandão, 2003) e propõe metodologias e técnicas de confecção, que relembram como os

² O estágio foi realizado em parceria com Luisa Mozzer, portanto, em alguns momentos do texto utilizarei a primeira pessoa do singular e em outros a primeira pessoa do plural.

materiais artísticos eram elaborados antes da industrialização. Assim, ao explorar pigmentos naturais e processos artesanais nessa disciplina, professoras e professores possibilitam que os estudantes desenvolvam autonomia e ampliem seus repertórios culturais e sensíveis, enquanto reconhecem a interdependência entre Arte e Natureza.

Essa vivência se conecta às manifestações artísticas mais antigas da humanidade. Como observa Mayer (1999), as pinturas pré-históricas, consideradas as primeiras expressões artísticas, utilizavam tintas oriundas de materiais do cotidiano, como por exemplo, seivas, argilas, vegetação, gordura, sangue e excrementos. A partir do uso desses materiais, as pessoas não apenas se expressavam, mas estabeleciam uma relação integrada com o ambiente natural. Colnago e Brandão (2003) destacam que essa prática ancestral preserva saberes e promove uma relação mais equilibrada e respeitosa entre Arte e meio ambiente.

Desde a pré-história, no momento em que o homem se mostrou o conhecedor de suas possibilidades e concretizou o desejo de expressar-se graficamente, iniciou-se, de maneira rudimentar, mas totalmente segura, a fabricação de uma primeira tinta, utilizando-se de matéria-prima do ambiente físico do qual ele tinha conhecimento e domínio. Dessa forma, foram utilizados os elementos básicos na fabricação de qualquer tipo de tinta produzida até hoje: aglutinante, pigmento e diluente (Colnago; Brandão, 2003, p. 20).

É fundamental reconhecer que a produção de tintas e materiais artísticos pode ser realizada de forma acessível e respeitosa, valorizando a diversidade de saberes e a potência das materialidades locais e ancestrais. Mais do que remeter às narrativas hegemônicas da história da Arte (Góes, Rosa, 2021), muitas vezes centradas em encomendas de obras feitas por famílias reais com o uso de materiais considerados luxuosos, trata-se de reconhecer e dar visibilidade aos conhecimentos populares e relacionais.

Povos originários e comunidades diversas descobriram pigmentações a partir de frutas, flores, cascas, raízes e outros elementos da Natureza, desenvolvendo técnicas próprias de produção artística em diálogo com o ambiente. Trazer esses saberes para o espaço universitário, atribuindo-lhes os devidos créditos, é um gesto político-pedagógico de valorização de epistemologias historicamente marginalizadas (Krenak, 2019) e de promoção de uma prática artística mais ética, sensível e conectada com o território.

Essa perspectiva se articula diretamente com o pensamento decolonial

(Góes; Rosa, 2021), que questiona a centralidade dos referenciais eurocêntricos e valoriza os modos de criação e os conhecimentos das comunidades historicamente marginalizadas.

Ao recuperar técnicas de produção artística, como o uso de pigmentos naturais e processos artesanais, ampliamos a autonomia e a consciência crítica de quem produz, desafiando o consumo acrítico e a dependência de materiais industrializados e padronizados. Mais do que um retorno ao passado, essa abordagem fortalece a potência criativa e poética das práticas artísticas, ressignificando-as a partir de uma perspectiva que respeita o meio ambiente e reconhece o valor dos saberes ancestrais no cotidiano de formação escolar.

Esse resgate e essa revalorização de práticas artísticas enraizadas em saberes ancestrais e relacionais não apenas ampliam as possibilidades de criação, mas também convidam à reflexão sobre como podemos integrar esses princípios em contextos educativos contemporâneos. Afinal, quando consideramos a potência desses fazeres decoloniais e a força dos materiais naturais, nos deparamos com questões que podem se tornar fundamentais em nossas práticas pedagógicas e em nossos projetos artísticos.

Com isso, as/os provoco a pensar: como ocorre o contato das crianças com a Natureza nos espaços escolares? Como as crianças reagem ao contato direto com o ambiente natural? Como nós professoras/es podemos auxiliar na aproximação das crianças com a Natureza? Como a Arte Contemporânea pode ser testemunha dessa relação? E, sobretudo, como podemos quebrar os padrões convencionais que estão presentes no ensino da Arte Contemporânea, construindo práticas que respeitem a Natureza e reconheçam o valor dos saberes decoloniais?

Essas reflexões orientam este trabalho, cujo objetivo é desenvolver práticas artísticas que envolvam a Natureza, com ênfase na terra como matéria poética e pedagógica, partindo do contato relacional das crianças com o solo. Assim, apresentamos formas de reconfigurar as práticas de ensino e aprendizagem com Arte na Educação Infantil, a partir da articulação entre Arte Contemporânea e Decolonialidade, reconhecendo as infâncias no diálogo entre Natureza, cultura e estética.

É fundamental reconhecer que a produção de tintas e materiais artísticos pode ser realizada de forma acessível e respeitosa, valorizando a diversidade

de saberes e a potência das materialidades locais e ancestrais. Mais do que remeter às narrativas hegemônicas da história da Arte (Góes, Rosa, 2021), muitas vezes centradas em encomendas de obras feitas por famílias reais com o uso de materiais considerados luxuosos, trata-se de reconhecer e dar visibilidade aos conhecimentos populares e relacionais.

Povos originários e comunidades diversas descobriram pigmentações a partir de frutas, flores, cascas, raízes e outros elementos da Natureza, desenvolvendo técnicas próprias de produção artística em diálogo com o ambiente. Trazer esses saberes para o espaço universitário, atribuindo-lhes os devidos créditos, é um gesto político-pedagógico de valorização de epistemologias historicamente marginalizadas (Krenak, 2019) e de promoção de uma prática artística mais ética, sensível e conectada com o território.

Essa perspectiva se articula diretamente com o pensamento decolonial (Góes; Rosa, 2021), que questiona a centralidade dos referenciais eurocêntricos e valoriza os modos de criação e os conhecimentos das comunidades historicamente marginalizadas.

Ao recuperar técnicas de produção artística, como o uso de pigmentos naturais e processos artesanais, ampliamos a autonomia e a consciência crítica de quem produz, desafiando o consumo acrítico e a dependência de materiais industrializados e padronizados. Mais do que um retorno ao passado, essa abordagem fortalece a potência criativa e poética das práticas artísticas, ressignificando-as a partir de uma perspectiva que respeita o meio ambiente e reconhece o valor dos saberes ancestrais no cotidiano de formação escolar.

Esse resgate e essa revalorização de práticas artísticas enraizadas em saberes ancestrais e relacionais não apenas ampliam as possibilidades de criação, mas também convidam à reflexão sobre como podemos integrar esses princípios em contextos educativos contemporâneos. Afinal, quando consideramos a potência desses fazeres decoloniais e a força dos materiais naturais, nos deparamos com questões que podem se tornar fundamentais em nossas práticas pedagógicas e em nossos projetos artísticos.

Com isso, as/os provoço a pensar: como ocorre o contato das crianças com a Natureza nos espaços escolares? Como as crianças reagem ao contato direto com o ambiente natural? Como nós professoras/es podemos auxiliar na aproximação das crianças com a Natureza? Como a Arte Contemporânea pode

ser testemunha dessa relação? E, sobretudo, como podemos quebrar os padrões convencionais que estão presentes no ensino da Arte Contemporânea, construindo práticas que respeitem a Natureza e reconheçam o valor dos saberes decoloniais?

Essas reflexões orientam este trabalho, cujo objetivo é desenvolver práticas artísticas que envolvam a Natureza, com ênfase na terra como matéria poética e pedagógica, partindo do contato relacional das crianças com o solo. Assim, apresentamos formas de reconfigurar as práticas de ensino e aprendizagem com Arte na Educação Infantil, a partir da articulação entre Arte Contemporânea e Decolonialidade, reconhecendo as infâncias no diálogo entre Natureza, cultura e estética.

2.1 Caminhos para as vivências relacionais

As perguntas feitas anteriormente pulsam em minha consciência e à terno responder de forma material em minhas práticas pedagógica/docente na Educação Infantil. Enquanto graduanda, tive a oportunidade de cursar, no primeiro semestre de 2023, a disciplina Materiais e Técnicas Artísticas, e levo os ensinamentos que aprendi para a sala de aula. Pensar as materialidades e os materiais usados para a produção artística é também uma retomada de saberes que vieram antes e uma preocupação urgente com os resíduos químicos que impactam nossos ecossistemas.

Nesta sessão compartilharei a experiência vivenciada no Estágio Curricular Supervisionado do Ensino de Artes Visuais I – Educação Infantil, realizado no primeiro semestre de 2023, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Margarete Sacht Góes, em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da cidade de Vitória/ES.

Nesse espaço escolar, o contato das crianças com a Natureza ocorria principalmente por meio do sol, do ar e de duas árvores situadas no pátio. Não havia grama, apenas um pequeno espaço de terra em volta das árvores. Durante os horários programados para que as crianças saíssem da sala de aula e dos ambientes fechados para ter acesso ao pátio, elas brincavam entre si, com os brinquedos de plástico disponíveis, com as pessoas adultas, além de interagirem com os galhos, folhas e flores que caíam das árvores, com os

insetos que apareciam e moravam nas árvores e, especialmente, com as próprias árvores.

Imagem 01. *Pátio da escola, onde estavam as árvores. 2023.*



Fonte: Da autora.

Como as crianças reagem ao contato direto com o ambiente natural? Observei que as crianças reagem ao contato direto com o ambiente natural de maneira espontânea e relacional. Mesmo em espaços limitados, onde os elementos naturais são removidos para dar lugar ao concreto, ao plástico e ao “desenvolvimento”, elas demonstram curiosidade, criatividade e encantamento ao interagir com as folhas, galhos, flores e insetos. Opto por usar a palavra desenvolvimento — entre aspas, evocando as reflexões de Nego Bispo (Antônio Bispo dos Santos), que denuncia esse termo como símbolo de ruptura:

A humanidade é contra o envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra, com as matas. Desenvolvimento é sinônimo de desconectar, tirar do cosmo, quebrar a originalidade. O desenvolvimento surge em Gênese. Relacionar-se de forma original, para o eurocristão, é pecado. Eles tentam humanizar e tornar sintético tudo o que é original (Bispo dos Santos, 2023, p. 16-17).

Nesse sentido, ao se relacionarem com os elementos naturais, mesmo que de forma breve ou em pequenas frestas, as crianças se reenvolvem com o mundo, em contracorrente à lógica desconectada do “desenvolvimento”.

Desse modo nos perguntávamos: como nós professoras/es poderíamos auxiliar na aproximação das crianças com a Natureza? E a resposta se configurou justamente no ano em que pude vivenciar essa experiência de estágio, pois o tema institucional proposto para aquele período estava voltado à aproximação das crianças com a Natureza. Recordo que a escola foi toda decorada com vasos de plantas ornamentais e floridas, dispostos em diversos espaços, como a recepção e o refeitório. Entretanto, esses vasos estavam

suspensos, fora do alcance das crianças, o que limitava a interação direta e a experimentação sensoriais tão importantes para as infâncias.

Imagem 02. Criança em contato com o tronco da árvore. 2023.



Fonte: Da autora.

Para além da possibilidade de pensar a articulação criança e Natureza, pude acompanhar as aulas da professora A³, responsável por nos acolher durante o estágio e a quem fomos designadas para acompanhar no ambiente escolar. Por meio de seus projetos de aula, testemunhei momentos em que as crianças tiveram contato direto e interação com materialidades naturais, como o cacau em pó com o qual produziram tinta e pintaram. Da mesma forma, experimentaram o aroma do pó⁴ de café e do açafraão, assim como produziram tinta com o pigmento extraído da semente do urucum. Também desenharam com carvão, criaram massinhas de modelar utilizando trigo e óleo e as aromatizaram com erva-doce, hortelã e camomila.

Nessas vivências, investigaram texturas, cores, cheiros, formas e composições visuais das folhagens de plantas ornamentais e, com elas, investigaram a técnica da monotipia⁵.

³ Por uma questão de ética, utilizo a letra A (maiúscula) para me referir à professora.

⁴ A professora explicou para as crianças que tanto o cacau como os outros materiais em pó utilizados para a confecção das tintas sofreram um processo de industrialização, apresentando a elas os produtos em sua forma in natura.

⁵ Técnica de impressão que consiste na reprodução de um desenho através da impressão única sobre papel ou outro suporte.

Imagem 03. Crianças em contato com as folhas. 2023.



Fonte: Da autora.

Foram momentos de trocas significativas, em que as crianças perguntavam, descobriam, inventavam, sentiam e experimentavam. As interações com as materialidades aconteciam de forma lúdica e brincante. Muitas crianças relataram que já conheciam alguns desses elementos, enquanto outras afirmaram que nunca haviam visto, ou que só tinham tido contato em outros espaços fora da escola, como, por exemplo, na casa da avó ou na praça.

No entanto, em nenhuma das atividades foram apresentadas/os artistas, ou coletivos, povos que integravam essas práticas em suas poéticas artísticas ou que dialogassem com essas materialidades e processos. É de suma importância referenciar artistas em nossas aulas, a fim de nutrir repertórios e ampliar o horizonte cultural e artístico das crianças. Ao discutir o ensino de Arte na Educação Infantil, Góes (2021) afirma que este:

[...] se constitui como processo vivido, experienciado. Inferimos, com fundamento na perspectiva vigotskiana, que as diferentes linguagens na Educação Infantil não ocorrem separadamente daí a importância de mediá-las sem dicotomizá-las, possibilitando que as crianças se apropriem, ainda durante a infância, dos repertórios artísticos-culturais produzidos pela humanidade (Góes, 2021, p. 18).

Essa reflexão reforça a crítica sobre a ausência de referências nas práticas observadas, pois ao não apresentar artistas que trabalham com as mesmas materialidades investigadas, limita-se o processo de ampliação do repertório e o envolvimento das crianças com os diversos modos de criação existentes. A mediação, quando sensível e atenta às múltiplas linguagens e culturas, permite que as crianças se reconheçam como parte de um processo histórico, artístico e coletivo, e não como espectadoras passivas das atividades.

Quando chegou o momento de elaborar o plano de atividades para vivenciar com as crianças, refleti sobre como poderia contribuir para promover a interação das crianças do Grupo 5 com a Natureza. Então, em conjunto com minha dupla de estágio, Luisa Mozzer, pensamos na materialidade da terra. Lembramos da disciplina de Materiais e Técnicas Artísticas e, assim, decidimos utilizar as diferentes tonalidades de argila que consegui coletar no meu quintal. Moro na chamada Região 5 do município de Vila Velha/ES, no bairro Cidade da Barra, onde há uma grande presença de solos ricos em óxido de ferro, o que confere à terra colorações avermelhadas, rosadas e amareladas.

Imagem 04. *Torrões de argila rosa coletados no meu quintal. 2022.*



Fonte: Da autora.

2.2 Pensar práticas artísticas que envolvam a terra

Pensar uma prática artística como prática pedagógica naquele momento era nosso objetivo, entretanto nosso repertório de artistas que se relacionavam com a terra por meio da Arte ainda era iniciante, mas encontramos nas redes sociais⁶ a artista pernambucana Ianah Maia, cuja pesquisa artística transita entre pintura, Arte urbana, agroecologia e decolonialidade. A artista, ao produzir suas próprias geotintas⁷, ressignifica a relação com a terra e amplia a subjetividade de seus trabalhos, oferecendo uma perspectiva, segundo a artista, afro-eco-feminista e decolonial.

Ao explorarmos a poética da artista, nos perguntávamos: como a Arte Contemporânea pode ser testemunha da relação criança e Natureza? Assim, a

⁶ Mais especificamente no Instagram.

⁷ Geotinta é um tipo de tinta que ganha cor a partir de pigmentos naturais encontrados na terra. Sua composição pode variar, mas o principal elemento que dá cor à geotinta vem dos solos.

relação das infâncias com a Natureza foi pensada de forma respeitosa e lúdica, buscando proporcionar às crianças o contato direto com a terra, inclusive durante a elaboração das tintas que seriam utilizadas posteriormente nas pinturas. Ao apresentarmos o projeto à Prof^a Margarete Sacht Góes, orientadora do estágio, fomos provocadas a pensar em um material educativo que estivesse conectado ao projeto e que fosse significativo para o processo de ensino que estava sendo desenvolvido com as crianças.

Até então, eu não compreendia plenamente o que significava um material educativo. Após algumas pesquisas e diálogos, especialmente ao encontrar reflexões como as de Hofstaetter (2016), que defende a criação de materiais poéticos que potencializem experiências sensíveis no ensino da Arte, compreendi que esse recurso não pode apenas transmitir informações, mas abrir caminhos para investigações e escutas ativas.

Inspiradas por esse olhar, elaboramos uma proposta de jogo educativo “Caça ao Tesouro de Elementos Naturais”, em que as crianças seriam convidadas a se movimentar no pátio da escola em busca de elementos como folhas, flores, sementes, galhos, conchas e pedras. Esse percurso se constituiu como uma ação estética e educativa que integrou corpo, espaço e imaginação, o que aproximou ainda mais as crianças do território e do processo criativo que iria ser investigado.

Para os primeiros momentos e apresentação da temática pensamos em realizar a prática de leitura de imagens com as crianças, utilizando projeções de fotografias de argilas em ambientes naturais, como barrancos ou diretamente no chão, de diferentes obras e da artista lanah Maia. Essa proposta tinha como objetivo provocar o olhar das crianças, despertando a curiosidade delas. Para isso, elaboramos perguntas sobre onde se encontrava argila, sobre os animais retratados nas obras de lanah Maia e sobre as composições que representavam outros elementos da Natureza.

Dito isso, a primeira proposta de atividade com as crianças aconteceu na brinquedoteca da escola. Apresentamos imagens das argilas na Natureza, bem como da artista lanah Maia e de algumas de suas obras. Iniciamos com perguntas sobre o que viam nas imagens, que cores apareciam e o que imaginavam ser aquilo. As respostas foram variadas e criativas, de "pedaço de pizza" a "terra" e "barro". Explicamos, então, que a geotinta vinha da argila, como

nas imagens, e que ela podia ter muitas tonalidades.

A leitura das obras de Iana Maia possibilitou o olhar e a escuta das crianças, que nomearam elementos, cores e formas presentes em suas composições. Esse processo nos provocou a pensar em como a Arte Contemporânea, ao dialogar com materialidades naturais e poéticas, pode ser uma mediadora sensível entre infância e Natureza. Ao observar, imaginar e interpretar, é possível que as crianças elaborem relações estéticas, críticas e afetivas com as imagens e os materiais apresentados.

Nossa segunda atividade aconteceu no pátio da escola, onde realizamos o jogo educativo “Caça ao Tesouro de Elementos Naturais”, com o apoio do professor de Educação Física. As crianças foram divididas em dois grupos, amarelo e branco, cada um com nove integrantes identificados por pulseiras da cor correspondente. A proposta era encontrar, no espaço externo, seis elementos naturais específicos, ilustrados em cartolinas da cor de cada equipe. A cada elemento encontrado, o grupo recebia uma peça de um quebra-cabeça que, ao final, revelava uma obra da artista Iana Maia. Cada equipe possuía um gabarito com elementos distintos, assim como os quebra-cabeças, que foram recortados em formas não convencionais e continham impressões de obras diferentes.

Durante o jogo/brincadeira, as crianças demonstraram cooperação, entusiasmo e sensibilidade com o ambiente. Mesmo pertencendo a equipes diferentes, ajudavam-se mutuamente, compartilhando dicas e comemorando as descobertas umas das outras. Crianças de outras turmas também se interessaram pela proposta, o que evidencia a potência de atividades abertas ao espaço comum e à interação coletiva.

Imagem 05. *Jogo educativo. 2023.*



Fonte: Da autora.

Imagem 06. *Montando quebra-cabeça. 2023.*



Fonte: Da autora.

Nossa última atividade ocorreu na sala de Artes e foi dedicada à produção e experimentações com as geotintas. Propusemos que as crianças se organizassem em grupos e, para iniciar, relembramos a artista estudada e o nome da tinta que ela produzia e utilizava em suas obras. Embora não recordassem o nome exato, lembravam que era feita de terra. Compartilhei com elas o meu processo de coleta das argilas diretamente do quintal de casa, mostrei os torrões de argila, material natural que seria transformado em tinta e elas puderam tocar e cheirar, ampliando suas experiências sensoriais.

Cada grupo recebeu dois potes e colheres para produzir diferentes tonalidades de geotinta. As crianças participaram ativamente, adicionando a argila e a água, enquanto nós acrescentamos a cola branca. Durante o processo, mediamos os momentos de conflito sobre as tarefas, promovendo o trabalho coletivo. Após o preparo, transferimos as diferentes tonalidades para forminhas de gelo, facilitando o acesso compartilhado às tintas por todos os grupos.

Imagem 07. *Pintando com a geotinta. 2023.*



Fonte: Da autora.

Imagem 08. *Pintando com a geotinta. 2023.*



Fonte: Da autora.

Durante o momento de pintura, oferecemos diferentes suportes, como cartolina branca e preta, tecido, palitos de picolé e papelão. Inicialmente, a maioria das crianças preferiu o papel branco, por ser um material mais familiar, o que fez com que ele acabasse rapidamente. Ao sugerirmos os outros suportes disponíveis, houve certa relutância inicial, mas, movidas pelo desejo de continuar utilizando as tintas que elas mesmas haviam produzido, as crianças os acolheram com curiosidade.

3 Algumas considerações para continuarmos pensando

Diante das propostas descritas que realizamos com as crianças, nos perguntávamos: como podemos quebrar os padrões convencionais que estão presentes no ensino da Arte Contemporânea, construindo práticas que respeitem a Natureza e reconheçam o valor dos saberes decoloniais?

A atividade pedagógica desenvolvida com as crianças aponta caminhos possíveis para essa transformação. Ao optarmos por práticas que envolvem materiais naturais, como a argila coletada no quintal, ou em outros espaços, de forma respeitável, as geotintas produzidas coletivamente e os elementos naturais utilizados no jogo educativo, rompemos com a lógica da Arte como produto acabado e distante da vida cotidiana, aproximando-nos de uma Arte viva e relacional. Como destaca Moura (2012):

Para as crianças, Arte e vida são realmente a mesma coisa. Nas experiências artísticas elas se conectam com seus sentimentos, dando forma a sua imaginação, pois a Arte como linguagem, é expressão de conhecimentos sociais e culturais que possibilitam às crianças exercer seu potencial imaginativo e criativo. Não se pode, portanto, fragmentar a expressão artística, devendo oportunizar a sensibilidade, expressão, conhecimento e o brincar na Educação Infantil, abrindo espaço para essas experiências, fazendo com que o processo de aprendizagem se torne cada vez mais significativo (Moura, 2012, p. 77).

Nesse sentido, compreendemos que, quando a Arte se enraíza no cotidiano das infâncias e dialoga com o território, ela pode se tornar um caminho de transformação e pertencimento. Além disso, essas práticas dialogam com o pensamento decolonial ao valorizar os saberes ancestrais e reconhecer a força criadora que existe nas materialidades naturais, muitas vezes marginalizadas pelos currículos tradicionais.

Ao trazer para o espaço escolar conhecimentos ligados à terra e à ancestralidade, ampliamos o entendimento de Arte para além das técnicas acadêmicas ou do consumo de materiais industrializados, afirmando que fazer artístico também pode ser gesto cotidiano, experimentação sensível e construção coletiva.

Nesse percurso, o referencial artístico desempenhou um papel fundamental. Apresentar às crianças Ianah Maia, artista que produz suas tintas a partir da terra, foi essencial para expandir suas referências e mostrar que a Arte também pode nascer da interação com a Natureza, da memória e da atenção ao que há em volta. O contato com obras contemporâneas enraizadas

em materialidades cotidianas e acessíveis possibilita que as crianças se reconheçam no fazer artístico e percebam que seus gestos têm valor criativo e cultural. O referencial, portanto, não serve apenas como inspiração, mas como forma de ampliação de mundo, de repertório estético e de conexão com outras formas de existir e produzir Arte. Nesse sentido, Ostetto (2011, p. 44-45) afirma que:

[...] a criança aprende a todo o momento, com ou sem a intervenção do professor. Por isso, falamos, na educação infantil, de ampliação de repertórios culturais e vivenciais das crianças, o que significa oferecer possibilidades para que o ser poético de meninos e meninas seja alimentado, para que possam cada vez mais se apropriar e se expressar com a riqueza da vida.

Essa perspectiva reforça a importância de criar contextos em que a criança tenha acesso a referências significativas e plurais, capazes de alimentar seu imaginário, sua sensibilidade e expressão. A escuta atenta às crianças, o incentivo à experimentação com diversos suportes e o respeito aos tempos de cada grupo são também formas de romper com a linearidade e rigidez muitas vezes impostas ao ensino da Arte. Ao promovermos experiências em que as crianças não apenas “reproduzem” uma técnica, mas participam de todas as etapas do processo, desde a coleta dos materiais até a criação artística, estamos cultivando uma relação mais ética com o meio e fortalecendo a autonomia criativa.

Desse modo, quebrar padrões no ensino da Arte Contemporânea exige deslocamentos epistemológicos, sensíveis e materiais. Requer abrir espaço para saberes outros. E é nesse entrelaçamento entre Natureza, infância e poética que se revelam possibilidades reais de um ensino da Arte mais justo, afetivo e enraizado.

A vivência aqui relatada foi tão significativa que germinou e tem dado muitos frutos. Ela se tornou ponto de partida para o desenvolvimento da minha poética artística e para a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, realizada em parceria com Luisa Mozzer, intitulada *A terra e suas derivações: dispositivo pedagógico para o ensino da arte na educação infantil (2024)*⁸, que tem como desdobramento o material educativo *Entre Terra e Tinta: o solo como prática artística e pedagógica (2024)*⁹.

⁸ Disponível em: <https://gepaei.ufes.br/> Acesso em: 02 set. 2025

⁹ Disponível em: <https://gepaei.ufes.br/> Acesso em: 02 set. 2025

Com o tempo, meu repertório em artistas que se envolvem com a terra foi se ampliando e fortalecendo, revelando caminhos potentes de aprendizagem, sensibilidade e escuta dos territórios. Compartilho a seguir, com muito respeito e alegria, a pesquisa realizada com a Luisa Mozzer, de artistas que têm sido parte dessa formação poética e pedagógica, e que apontam para outras formas de criar, ensinar e viver em relação com a terra: Castiel Vitorino Brasileiro, Cléria Soares, Danielle Petti, Denise Valarini Leporino, Elpitha Tsoutsounakis, Gabriella Marinho, Gilberto Junior, Glayson Arcanjo, Hosanna White, Ines Katamso, Jhon Bermond, Julia Godoy, Karen Pataxó, Karma Barnes, Kelton Campos Fausto, Maibe Marocolo, Marcela da Terra, Maria Lira Marques Borges, Marlene Almeida, Marcos Martins, Marcos Siqueira, Mayra Karvalho, Sarah Coeli, Sofia Gama, Sofia Seda.

Cada qual com suas linguagens e práticas, nutrem a possibilidade de (re)imaginar e realizar uma educação conectada à Arte, à vida, à memória, à decolonialidade e à terra.

Referências

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. 1. ed. São Paulo: UBU Editora/Piseagrama, 2023.

COLNAGO, Atílio; BRANDÃO, Joyce. **Tintas**: materiais de arte. Vitória: Gráfica A1, 2003.

GÓES, Margarete Sacht. **Experiências estéticas e estésicas**: a leitura de imagens na educação infantil. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 39, n. 1, p. 1–19, 2021.

GÓES, Margarete Sacht; ROSA, Tatiana Gomes. Formação de Professoras (Es): ensino da arte para as relações étnico raciais na Educação Infantil. **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. 1, p. 115, 2021. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2021v14n1.54031>

HOFSTAETTER, Andrea. **Ensino de arte e pensamento utópico**: Por materiais poéticos para proposição de aprendizagem. Porto Alegre, 2016. Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2016/comites/ceav/andrea_hofstaetter.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MAIA, Ianah. Instagram. Disponível em: <https://instagram.com/ianah?igshid=MzRIODBiNWFIZA==> . Acesso em: 20 jun. 2025.

MAYER, Ralph. **Manual do artista:** de técnicas e materiais. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOURA, Maria Teresa Jaguaribe de. **A brincadeira como encontro de todas as Artes.** In: CORSINO, Patrícia (Org.). Educação infantil: cotidiano e políticas. Campinas: Autores Associados, 2012. p. 75-99.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Educação infantil:** Saberes e fazeres na formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2011.